

Lavajatismo é ideologia, não morreu e merece atenção, afirma Streck

A "lava-jato" morreu, mas o lavajatismo, não. Esse é um alerta feito pelo jurista **Lenio Streck** durante evento na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo que abordou perspectivas sobre o impacto da força-tarefa de Curitiba na história recente do país, dos pontos de vista jurídico, geopolítico e midiático.

Reprodução



Reprodução O jurista Lenio Streck foi um dos primeiros a alertar violações da "lava-jato"

O lavajatismo, ressalta Streck, é uma ideologia. Durante a palestra, ele citou a aliança com a mídia, a colaboração do Judiciário e o papel do Ministério Público como fatores determinantes para o sucesso dessas ideias, além do modo de fazer Direito no Brasil. Juntando tudo isso novamente, há risco de retorno de práticas questionáveis de quem tem o poder de acusar.

Streck foi um dos primeiros a denunciar os abusos e as consequências da "lava-jato", enfrentando Sergio Moro. O jurista rememorou alguns temas do debate, como o aviso de que o ex-juiz federal, agindo de forma parcial, causaria enormes estragos na democracia brasileira.

O jurista associou a dificuldade de criticar a "lava-jato" à Alegoria da Caverna de Platão. "As sombras são sombras. Tu dizia que 'lava-jato' era uma fraude. As famílias brigavam com você porque a 'lava-jato' era um modo de ser. Como você vai batalhar quando você tem uma foto com Caetano Veloso, Marcelo Freixo e Randolfe Rodrigues juntos com o Bretas? A gente está fadado a perder. Como a gente vai ganhar no discurso?"

Ele ainda comparou a "lava-jato" ao filme *"Os Deuses Devem Estar Loucos"*, comédia lançada em 1980 e dirigida por Jamie Uys. Trata-se da história de uma tribo que se envolve em confusões por causa de uma garrafa de refrigerante jogada de um avião. Para controlar a situação, o chefe do grupo determina que o objeto seja "jogado fora do mundo". O objeto estranho à "lava-jato" foi a Constituição.

"Sergio Moro pegou a Constituição — que é um objeto absolutamente estranho na vida dele —, pegou um moleque, que era o Deltan Dallagnol [*ex-coordenador da força-tarefa no Paraná*], e disse assim: 'O mundo é quadrado. Você vai atirar a Constituição para fora'. Ele (Dallagnol) está correndo até hoje."

Para o jurista, evitar protagonismos é essencial para que ideologias como o lavajatismo não voltem a ter



força. "Não podemos ter protagonistas e apostar nisso. A democracia vai mal quando alguém é protagonista. É que nem árbitro de futebol. Se ele apita bem ninguém dá bola. Agora, se ele é o cara, vai dar confusão. Hoje, nós dependemos do protagonismo do Judiciário, do Alexandre de Moraes — que virou um *popstar* nesse sentido."

Os prejuízos resultantes da "lava-jato" surpreenderam muita gente, lembrou o jurista. "A mim, não. Fiquemos atentos e aprendamos com a história, que é a melhor professora. Não podemos ser a turma do 'fundão' na aula de história recente do Brasil."

Também participaram do painel os professores **Pierpaolo Bottini**, da USP, e **Jacinto Coutinho**, da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Clique [aqui](#) para assistir a íntegra do debate ou veja abaixo:

Meta Fields